

# A VIAGEM DO CONCEITO: MELHORAMENTO, PROGRESSO E DESENVOLVIMENTO NO PENSAMENTO POLÍTICO MINEIRO

*Gabriel do Carmo Lacerda<sup>1</sup>*

**Resumo:** O presente texto pretende discutir, a partir das abordagens historiográficas do contextualismo (Escola de Cambridge) e da História dos Conceitos alemã (*Begriffsgeschichte*), a metamorfose do conceito de “melhoramento” para “progresso” e, finalmente, para a ideia de “desenvolvimento”. Particularmente, serão analisadas as perspectivas de cinco personalidades/atores políticos – mais do que autores – no tratamento da questão. São eles: 1) José Álvares Maciel (Araújo; Filgueiras, 2017; Lopes, 1958) e José Vieira Couto (Couto, 1994 [1799]), representantes do reformismo ilustrado português (Cunha, 2011), da virada do século XVIII para o XIX, no contexto colonial; 2) Teófilo Otoni – em meados do século XIX, no contexto imperial, cujo traço marcante é a influência do liberalismo estado-unidense (Lynch, 2014; Otoni, 2002 [1858;1859]); 3) João Pinheiro (Pinheiro, 1980 [1906]), no contexto da nascente república, na virada do século XIX para o XX, inspirado pelas ideias positivistas (Alonso, 2000); e 4) Juscelino Kubistchek, de meados do século XX, na terceira república (Kubistchek, 1955; 1959). É importante ponderar como o uso destes atores, a sua virtual coerência e, sobretudo, a perspectiva de uma “continuidade” entre as suas respectivas visões é informada por uma tentativa recorrente de servir a um projeto político das elites mineiras (Gomes, 2005) que buscava superar o atraso relativo estadual, que ficou patente no início do século XX, e que se acelerou a partir de meados da mesma centúria envolvendo, progressivamente, todo um processo e projeto amplo de industrialização e ação estatal em prol do desenvolvimento estadual (Dulci, 1984; Carvalho, 2005; Diniz, 1981, Bomeny, 1994).

**Palavras-chave:** Minas Gerais; Desenvolvimento; Escola de Cambridge; História dos Conceitos; Historiografia.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Economia no CEDEPLAR/UFMG. Mestre em Planejamento Urbano e Regional pelo IPPUR/UFRJ e graduado em Relações Econômicas Internacionais pela FACE/UFMG.

## 1. Introdução

O presente texto pretende discutir, a partir das abordagens historiográficas do contextualismo (Escola de Cambridge) e da História dos Conceitos Alemã (*Begriffsgeschichte*), as metamorfoses dos conceitos de “melhoramento”, “progresso” e “desenvolvimento”. Particularmente, serão analisadas as perspectivas de cinco personalidades/atores políticos – mais do que autores – no tratamento da questão. São eles: 1) José Álvares Maciel e José Vieira Couto, representantes do reformismo ilustrado português, da virada do século XVIII para o XIX, no contexto colonial; 2) Teófilo Otoni – de meados do século XIX, no contexto imperial, cujo traço marcante é a influência do liberalismo estado-unidense; 3) João Piniheiro, no contexto da nascente república, na virada do século XIX para o XX, inspirado pelas ideias positivistas; e 4) Juscelino Kubistchek, de meados do século XX, na terceira república.

É importante ponderar como a escolha destes atores, a sua virtual coerência e, sobretudo, a perspectiva de uma “continuidade” entre as suas respectivas visões é informada por uma tentativa recorrente de servir a um projeto político das elites mineiras<sup>2</sup> que buscava superar o atraso relativo estadual, que ficou patente no início do século XX, e que se acelerou a partir de meados da mesma centúria envolvendo, progressivamente, todo um processo e projeto amplo de industrialização e ação estatal em prol do desenvolvimento estadual<sup>3</sup>.

A partir disso, emergem algumas questões sobre até que ponto existiriam, de fato, continuidades e descontinuidades nestes discursos. Uma chave de interpretação para identificar as diferenças – e as eventuais permanências – é o exame do contexto e do significado de alguns termos-chave utilizados, transformados e reapropriados por essas diferentes personalidades, bem como a exposição das suas diferenciações ao longo do tempo. Para tanto, no relativo ao contexto, utiliza-se a perspectiva do contextualismo inglês/Escola de Cambridge. Já a dimensão de salientar os termos-chave dos textos se apoia nas perspectivas metodológicas propostas pelos autores do *Begriffsgeschichte*.

Nesse sentido, pensando em termos de continuidades e rupturas, se discute a polifonia dos discursos acerca de Minas Gerais – o que José Murilo de Carvalho chama de Vozes do Ouro, da Terra e do Ferro – e como cada um dos diferentes períodos engendrou elocuições específicas que seriam posteriormente criticadas e superadas, mas, ao mesmo tempo, refletiram a capacidade da *intelligentsia* mineira de pensar a si mesma<sup>4</sup>. Evidentemente, a questão do analfabetismo persistente no país restringiu a difusão de ideias, ficando estas

2 GOMES, Ângela Maria de Castro. *Minas e os fundamentos do Brasil moderno*. Editora UFMG, 2005.

3 DULCI, Otávio Soares. As elites mineiras e a conciliação: a mineiridade como ideologia. *Ciências sociais hoje*, p.7-32, 1984; CARVALHO, José Murilo de. *Ouro, terra e ferro: vozes de Minas* in (org) GOMES, Ângela Maria de Castro, *Minas e os fundamentos do Brasil moderno*. Belo Horizonte: Editora UFMG, p.55-78, 2005; DINIZ, Clélio Campolina. *Estado e capital estrangeiro na industrialização mineira*. UFMG/PROED, 1981; BOMENY, Helena Maria Bousquet. *Guardiães da razão: modernistas mineiros*. Editora UFRJ, 1994.

4 CARVALHO, op.cit, p.55-78.

restritas a parcelas ínfimas da população<sup>5</sup>; parcelas estas responsáveis, quase que exclusivamente, pelas macrodecisões políticas e econômicas até, pelo menos, meados do século XX. Ademais, isso impactaria igualmente, conforme será exposto, nas próprias mutações, definições, substituições e elementos incorporados dos conceitos – melhoramento, progresso e desenvolvimento – ao longo do tempo. Em outras palavras, é importante ressaltar a especificidade dos discursos – portanto o contexto da difusão de ideias – em países coloniais, escravagistas e, posteriormente, subdesenvolvidos e dependentes, assim como a problemática das liberdades formais e reais, da relação com imprensa escrita e com os meios de comunicação.

O presente trabalho, além desta introdução, estruturar-se-á primeiramente ressaltando os principais elementos teórico-metodológicos do contextualismo (Escola de Cambridge) e da História dos Conceitos Alemã. Posteriormente, ancorado nestas perspectivas, são discutidos, por um lado, o contexto histórico, político e biográfico dos autores. E, por outro, os usos, por estes, dos conceitos de “melhoramento”, “progresso” e “desenvolvimento”, assim como as modificações no significado e definição destas palavras – e algumas correlatas –, a partir da consulta aos dicionários da língua portuguesa dos anos de 1713, 1789, 1832, 1890, 1913 e 1949.

A partir deste quadro de comparação histórica – contexto político e biográfico atrelado as definições presentes nos diversos dicionários – pode-se concluir que foi possível captar as mutações e o crescente alargamento de significado entre os termos “melhoramento”, “progresso” e “desenvolvimento”. A pluralidade dos diferentes tipos de textos redigidos pelos autores – panfletos, entrevistas, discursos, memoriais – corroborou para captar o relacionamento entre as suas problemáticas com os significados dos referentes termos presentes nos dicionários de época. Nesse sentido, compreende-se que seja proveitoso e potencial a utilização das metodologias da Escola de Cambridge e da História dos Conceitos nas investigações acerca do pensamento econômico e político brasileiro, desde que cotados pelas especificidades próprias dos países latino-americanos, notadamente a estreiteza dos canais de difusão e circulação de ideias e de participação política.

Por fim, o mais relevante, por um lado, é uma notável quebra de elementos constitutivos e de significado de “desenvolvimento” de finais do século XIX e início do século XX. Aceção esta que, gradativamente, encarna-se de forma política, econômica e cultural sob guarda-chuva da ideia de *desenvolvimentismo*, principalmente ao longo do século XX. Por outro lado, os discursos dos três primeiros autores, crescentemente, servem mais como um guia, um elemento aglutinador para conformar a historicidade e unidade de um discurso, de uma busca de coesão para ação, especialmente das elites mineiras, assim, servido como substrato ideológico, inclusive, para as visões dos dois autores mais recentes.

---

5 CANDIDO, Antônio. *Literatura e subdesenvolvimento*. A educação pela noite e outros ensaios, p.140-162, 1989[1969].

Desta maneira, pode-se afirmar que transplantar as perspectivas e visões de autores como José Vieira Couto, José Álvares Maciel e Teófilo Otoni para o presente, ou ver neles os germens de uma visão de desenvolvimento, soaria anacrônico. E, contrariamente, muitas das problemáticas e impasses trazidos por João Pinheiro e Juscelino Kubistchek, mediante mediações certas, são questões próprias do desenvolvimento do capitalismo brasileiro até o presente.

## **2. O contextualismo/a Escola de Cambridge**

O foco da abordagem contextualista recai sobre a história intelectual, privilegiando a investigação das diferentes linguagens e formas sobre a história intelectual. Os dois principais representantes são Quentin Skinner e John Pocock. Apesar da diferença entre eles, os principais aspectos enfocados nas suas abordagens estão relacionados à estrutura de linguagem, a sua compreensão como um sistema de signos e como, quando estes são colocados na forma textual, emulam ações e motivações que clarificam o seu contexto histórico, além de justificar e legitimar as ações, principalmente através da linguagem. Nesse sentido, o contexto aparece através do uso de uma linguagem comum empregada por diferentes autores/atores envolvendo o seu caráter performativo e instrumental que estimula e constrange os diferentes atos de fala<sup>6</sup>.

A partir dos conceitos de força ilocucionária e perlocucionária, a perspectiva historiográfica da Escola de Cambridge ganha dinâmica para compreender os diferentes contextos históricos. O processo de pesquisa se dá através da seguinte forma: enquanto a força ilocucionária diz respeito aos atos de fala motivados por uma intenção – intenção esta do autor – a segunda (a força perlocucionária) liga-se a capacidade de reação e respostas daqueles que ouvem aquele enunciado/ato de fala. Desta forma, existe uma tensão nos resultados concretos nos atos de fala que depende, exatamente do contexto de fala, mais especificamente, o discurso político. Assim, clarifica-se como existem regras tácitas e inconscientes compartilhadas nos diferentes contextos históricos e espaciais, o que situa os atos de fala, as linguagens, os discursos<sup>7</sup>.

A importância do contextualismo é explicar tanto a compreensão da linguagem quanto a ação e, conseqüentemente, a relação entre pensamento político (expresso no discurso político) e ação política de determinado momento (contexto), a partir disto elucidada as intenções dos autores e a recepção das suas ideias no seu tempo, por isso a sua ampla utilização para o estudo da filosofia política. Esmiuçar o que está relacionado aos diferentes atos de fala/atos políticos dos diferentes atores sociais auxilia na compreensão do contexto

6 BEVIR, Mark. The contextual approach. *The oxford handbook of the history of political philosophy*, v.1, p.11-24, 2011; POCOCK, John Greville Agard. *Linguagens do Ideário Político*. Edusp, p.63-82, 2003; RICHTER, Melvin. Reconstructing the history of political languages: Pocock, Skinner, and the Geschichtliche Grundbegriffe. *History and theory*, v.29, n.1, p.38-70, 1990.

7 DIGGINS, John Patrick. The oyster and the pearl: the problem of contextualism in intellectual history. *History and theory*, v.23, n.2, p.151-169, 1984.; RICHTER, op.cit.

e, da mesma maneira, mensura o impacto – como foram apropriados e utilizados – e a influência dos discursos no decurso dos diferentes acontecimentos de uma época<sup>8</sup>.

Nesse sentido, para o presente trabalho, é fundamental utilizar esse instrumental metodológico para reportar e especificar o contexto e a linguagem que os atores escolhidos trabalharam para situar as suas características históricas particulares, evitando a transposição de suas ideais para outros períodos e espaços.

### 3. História dos Conceitos (*Begriffsgeschichte*)

Sendo praticamente contemporânea da Escola de Cambridge, o projeto da História dos Conceitos, liderado por Reinhart Koselleck, buscou elaborar um dicionário de conceitos básicos – na língua alemã – durante o período de transição desta sociedade para modernidade, entre 1750 e 1850. Um dos aspectos importantes deste empreendimento é conectar as metamorfoses dos conceitos às mudanças na história intelectual. Ao focalizar na problemática dos conceitos (ideias-chave) essa abordagem possibilita captar tanto ideia envolvida num contexto histórico específico quanto persistência no tempo e no espaço dos mesmos. Em outras palavras, desvela as encarnações específicas de conceitos e, principalmente, suas mudanças ao longo do tempo, ou seja, pondera as dimensões sincrônicas e diacrônicas envolvidas na pesquisa histórica<sup>9</sup>.

Uma das possibilidades metodológicas abertas pela História dos Conceitos está relacionada em como a clarificação conceitual histórica auxilia no processo de interpretação, sobretudo explicitando o seu conteúdo político e social, mais especificamente em como os conceitos carregam e apontam questões sócio-históricas, o espírito de uma época. Em outros termos, a partir da história do conceito, torna-se possível investigar o espaço histórico das experiências e o seu respectivo horizonte de expectativas – isto é, as suas possibilidades estruturais – e, também, investigar as funções políticas e sociais dos conceitos junto com seu uso específico, desta forma revelando um momento de conjuntura ou situacional e até mesmo um impasse histórico. Conjuntamente, uma análise ao longo do tempo – do abandono ou mutação do significado – de determinados conceitos expõe sobre a persistência e a validade do mesmo e sua relação com a reprodução ou transformações políticas e sociais. Estas duas dimensões de análise se amparam na capacidade de avaliar a experimentação e a estabilidade teórica de determinado período e, além disso, evita as transposições de conceitos e significados do presente no passado e vice-versa<sup>10</sup>.

8 BEVIR, op.cit.; DIGGINS, op.cit.; RICHTER, op.cit.

9 BODEKER, Hans Erich. Concept-Meaning-Discourse: Begriffsgeschichte. Reconsidered. *History of concepts: Comparative perspectives*, p.51-64, 1998; KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Editora Contraponto-PUC-RIO, p.97-132, 2006; TRIBE, Keith. *Intellectual History as Begriffsgeschichte. A companion to intellectual history*, p.61-71, 2015.

10 KOSELLECK, op.cit.

Outra possibilidade aberta pela metodologia proposta pela História dos Conceitos seria a de destacar como os conceitos são mobilizados no argumento político por grupos sociais antagônicos, conformando, assim, diferentes identidades políticas. Além de como a mutação e o uso particular do próprio conceito – e um conjunto de outros termos correlatos ao mesmo –, faz com que emergja a própria relação do conceito com o contexto linguístico no qual é empregado. Aqui é possível destacar como essa análise reflete a potencial gama de significados que uma palavra pode ter, logo, da flexibilidade na qual os conceitos e as linguagens são desenvolvidos e, até certo ponto, reciclados por diferentes atores e teóricos<sup>11</sup>.

Desta maneira, o instrumental e a perspectiva da História dos Conceitos Alemã (*Begriffsgeschichte*) ampararia uma visão de transformação de conceitos ao longo do tempo que, embora tenham uma origem comum, a sua mutação de significância representa um novo conceito e novas possibilidades de desenvolvimento teórico, do discurso e da ação política que exemplificam e encarnam as múltiplas transformações (políticas, sociais, econômicas) de determinada sociedade. Retomar esse fio de transformação auxilia na compreensão de diferentes períodos históricos, mas, igualmente importante, é situar as suas particularidades em relação aos demais significados do conceito, assim como dos seus correlatos, para então captar transformações estruturais mais amplas entre os diferentes períodos históricos.

#### 4. Melhoramento em José Vieira Couto e José Álvares Maciel

Uma primeira abordagem das visões de José Vieira Couto (1752-1827) e José Álvares Maciel (1760-1804) deve partir das definições das palavras-chave e algumas correlatas segundo constadas nos dicionários *Vocabulario Portuguez e Latino* do Padre Rafael Bluteau publicado em 1713, em Coimbra, e no *Diccionario da Lingua Portuguesa* que, a partir do trabalho feito por Rafael Bluteau, foi reformado e ampliado por Antônio de Moraes Silva, este natural do Rio de Janeiro, e publicado no ano de 1789, em Lisboa. Em 1713, por exemplo, adiantamento, melhoramento e progresso aparecem como intercambiáveis, embora melhoramento possua um sentido mais amplo:

- 1) **Adiantamento:** Proveito, progresso, adiantamento na virtude, nas letras<sup>12</sup>;
- 2) **Melhoramento:** progresso, adiantamento, continuar no exercício da virtude com melhoramento; melhoramento na vida, nos costumes; melhoramento espiritual<sup>13</sup>;
- 3) **Progresso:** adiantamento<sup>14</sup>;

11 TRIBE, op.cit.

12 BLUTEAU, Rafael. *Vocabulario Portuguez e latino*, p.126, 1713.

13 Ibid, p.408.

14 Ibid, p.767.



Já a palavra desenvolvimento não aparece no dicionário, embora, evidentemente, exista a palavra desenvolver que aparece apenas com uma definição: **Desenvolver**: desfazer um envolto<sup>15</sup>.

No dicionário de 1789 as definições aparecem mais elaboradas para adiantamento e progresso, mas permanecem intercambiáveis entre si:

1) **Adiantamento**: o estado do que se acha, ou se vai adiantado em caminho; fig. progresso<sup>16</sup>;

2) **Melhoramento**: adiantamento, progresso<sup>17</sup>;

3) **Progresso**: adiantamento em proveito, ou efeito; continuação, adiantamento<sup>18</sup>.

Assim como antes, desenvolvimento não consta no dicionário, mas desenvolver já possui uma definição amplificada: **Desenvolver**: estender, desdobrar o que está envolto, encolhido; fig. ampliar, e explicar o que é suscetível de mais explicações exposições<sup>19</sup>.

Nenhuma destas palavras aparecem diretamente pelos autores em nenhum dos textos aqui analisados – especificamente na *Memória sobre a capitania das Minas Gerais: seu território, clima e produções metálicas*<sup>20</sup> de José Vieira Couto, tampouco essa noção na biografia acerca de José Álvares Maciel feita por Francisco Antônio Lopes, *Álvares Maciel no degrêdo de Angola*<sup>21</sup>. Embora ambos fossem de “campos opostos”, pois, enquanto José Álvares Maciel foi um dos mentores da Inconfidência Mineira que o levou ao seu degrêdo na Angola; José Vieira Couto redigiu seu texto para a rainha portuguesa para descrever as condições físicas da região da nascente do Rio Jequitinhonha e auxiliar na busca do reestabelecimento econômico da mesma capitania, particularmente da sua região.

Não obstante, a perspectiva de ambos possuía como ponto comum a preocupação com a busca de alternativas econômicas à mineração, principalmente através do emprego da ciência e da técnica, além da direção da ação estatal combinada com ampliação dos espaços para iniciativa individual na vida econômica e política que apontavam para a problemática da instalação de manufaturas que beneficiassem diferentes matérias-primas, especialmente o minério de ferro. Em síntese, ambos buscavam caminhos para a modernização da vida econômica e administrativa – embora um nos limites dos marcos da situação colo-

15 Ibid, p.137

16 SILVA, Antônio de Moraes; BLUTEAU, Rafael. *Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e acrescentado por Antônio de Moraes Silva, natural do Rio de Janeiro*. Tomo 1, p.27, 1789.

17 Ibid, Tomo 2, p.71.

18 Ibid, Tomo 2, p.251.

19 Ibid, Tomo 1, p.410.

20 COUTO, José Vieira. *Memória sobre a capitania das Minas Gerais: seu território, clima e produções metálicas*. Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1994[1799].

21 LOPES, Francisco Antônio. *Alvares Maciel no degrêdo de Angola*. MEC, 1958.

nial (Vieira Couto) e outro na constituição de uma nação independente (Álvares Maciel) – embora possuíssem consequências divergentes sobre os graus de liberdade política<sup>22</sup>.

A razão do compartilhamento desta perspectiva – apesar das suas consequências políticas aparentemente tão díspares – se encontra no reformismo ilustrado português que possuía relações com o camarelismo. Este é o *contexto intelectual* que engendra ambas as perspectivas<sup>23</sup>.

O reformismo ilustrado português é marcado pela tentativa de execução de reformas nas colônias portuguesas com objetivo de modernização econômica e administrativa para melhorar a condição do Estado Imperial Português, sendo central a preocupação com as “ciências de mineração”. Esta era caracterizada:

pela junção prática dos conteúdos de química e mineralogia, em paralelo com conhecimentos relativos ao funcionamento e administração das minas, desde a maquinaria e insumos necessários até aspectos de tributação e relação disso com as rendas do estado<sup>24</sup>.

Em sentido mais amplo era na interpretação e na aplicação que se encaixam noções como as de “melhoramentos”, “bem comum” e “felicidade pública”<sup>25</sup>, ou seja:

conceitos então em voga nas literaturas econômica e política europeia e que aparecem com frequência nas obras de autores fisiocratas franceses, camarelistas alemães ou, posteriormente nas obras Adam Smith<sup>26</sup>

Estas perspectivas – representativas da economia política – ligadas ao regalismo político português, objetivavam a “felicidade pública e a prosperidade econômica”. Nesse sentido – sendo a capitania de Minas Gerais região precoce na presença do Estado<sup>27</sup> e local com possibilidades de exploração mineral – tais perspectivas florescem e são decantadas

22 CARDOSO, José Luís; CUNHA, Alexandre Mendes. Discurso econômico e política colonial no Império Luso-Brasileiro (1750-1808). *Tempo*. Revista do Departamento de História da UFF, v.17, p.65-88, 2012; CUNHA, Alexandre Mendes. Metalurgia, Mineração e Cameralismo: superposições entre as ciências naturais e a economia política no reformismo ilustrado luso-brasileiro, p.214-230. In: Carlos Fiolhais; Carlota Simões; Décio Martins. (Org.). *Congresso Luso-Brasileiro de História das Ciências*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2011; FURTADO, Júnia. *Estudo Crítico*, p. 13-47, In: FURTADO, Júnia (Org). *Memória sobre a capitania das Minas Gerais: seu território, clima e produções metálicas de José Vieira Couto*. 1ed. Belo Horizonte: FJP, 1994; ARAÚJO, Robson Jorge de; FILGUEIRAS, Carlos AL. O Visconde de Barbacena e o químico José Álvares Maciel: encontro na ciência e desencontro na política. *Química Nova*, v.40, n.5, p. 602-612, 2017.

23 CARDOSO; CUNHA, op.cit. CUNHA, op.cit; FURTADO, op.cit.

24 CUNHA, op.cit., p.218.

25 CARDOSO; CUNHA, op.cit., p.88

26 CARDOSO; CUNHA, op.cit., p.88



nas perspectivas de ambos os autores mesmo com perspectivas políticas opostas conforme apontado.

Mais especificamente, no tocante a Viera Couto – a segunda parte do seu trabalho intitulada “*Estado atual e decadente da mineração do Brasil. Necessidade de uma Arte Nacional Metalúrgica. Animar a [mineração], erigindo-se fundições de ferro e removendo alguns obstáculos*” – é exemplo de mobilização de argumentos das potencialidades de exploração mineral e a importância de conjugar a iniciativa estatal e a ação particular em busca de uma alternativa econômica à mineração de ouro e a “regressão” pura e simples à agricultura, promovendo, assim, o que correntemente é chamado de “mercado interno” via expansão da “arte metalúrgica nacional”. Esta se daria com a implementação de fundições de ferro estatais e privadas que alavancassem a região, no caso particular, o entorno das atuais cidades de Serro e Diamantina. Central neste processo – e na sua argumentação – seria a difusão da instrução, tanto via técnicas quanto métodos mais sofisticados tecnologicamente, para retomar e potencializar a exploração mineral, pois seria na “ignorância das técnicas” que residiria o principal constrangimento da atividade minerária e a decadência econômica mineira<sup>28</sup>.

Já José Álvares Maciel – que frequentou a Universidade de Coimbra em Portugal e viajou pela Europa para visitar fabricas, oficinais e minas – se aproximou da Conjuração Mineira à medida que aprofundava suas pesquisas acerca das condições minerais na capitania e nas possibilidades de implementação de manufaturas relacionadas ao beneficiamento de ferro, cobre e salitre. Álvares Maciel estava determinado em experimentar e implementar suas pesquisas e observações científicas e empíricas realizadas na década de 1770 e 1780, tanto que posteriormente ele fundaria uma fábrica de ferro no seu exílio na África e perduraria com suas experiências e estudos até a sua morte em 1804<sup>29</sup>.

O discurso de busca de alternativa econômica – conforme exposto, envolvia um contexto e uma matriz intelectual muito particular – seria constantemente resgatado e readaptado pelas outras personalidades aqui tratadas. Particularmente, o aproveitamento do minério de ferro e, posteriormente, a necessidade de seu beneficiamento como elementos que possibilitariam maior dinamismo econômico, logo, melhora da arrecadação para a capitania (estado) e maior prosperidade. O conjunto destas ideias, neste período específico, estava encerrado no conceito de melhoramento/adiantamento, embora não empregado explicitamente pelos autores.

27 IGLÉSIAS, Francisco. Minas e a imposição do Estado no Brasil. *Revista de História*, v.50, n.100, p.257-273, 1974.

28 COUTO, op.cit, p.61-75.

29 ARAÚJO; FILGUEIRAS, op.cit; MAXWELL, Kenneth R. *A devassa da devassa: a Inconfidência Mineira*. Paz e Terra, 1995.

## 5. Progresso em Teófilo Otoni

Teófilo Benedito Otoni (1807-1869), natural do Serro, foi um notório político liberal mineiro. Participou das discussões republicanas na década 1820, teve participação na abdicação de Dom Pedro I, em 1831, e, principalmente, na revolta liberal de 1842. A partir deste momento gradualmente se afasta da política e inicia, em 1847, a constituição da Companhia do Mucuri com o objetivo de colonizar e integrar a região leste de Minas Gerais com a saída para o mar, principalmente via navegação pelo rio Mucuri<sup>30</sup>.

A tônica dos seus textos do período – particularmente os relatórios para acionistas da Companhia do Mucuri – discutem a temática da civilização e progresso. A primeira tinha como antônimo a ideia de barbárie e estava muitas vezes ligada aos espaços dos rincões do país. Já progresso tinha como antônimo a palavra atrasado. As preocupações de civilizar e progredir o Brasil foram termos chave durante o século XIX até o século XX no contexto de construção da jovem nação independente<sup>31</sup>

No *Diccionario da Lingua Brasileira* redigido por Luiz Maria da Silva Pinto, publicado em 1832, a definição de algumas palavras-chave são as seguintes:

- 1) **Adiantar-se:** Ir adiante, fazer progressos<sup>32</sup>;
- 2) **Melhoramento:** adiantamento, progresso<sup>33</sup>;
- 3) **Progresso:** adiantamento, adiantar gradualmente<sup>34</sup>.

Nota-se como elas permanecem intercambiáveis entre si, embora a ideia de progresso também possua um sentido de avançar com gradualidade. A palavra desenvolvimento ainda não consta no dicionário de 1832, mas a palavra desenvolver alarga ainda mais o seu significado: **Desenvolver:** Estender, desdobrar, fazer ampliar, explicar, fazer crescer o feto, fazer abrir a flor, fazer perder o acanhamento, fazer perder a modéstia, desembaraçar<sup>35</sup>. O sentido de desenvolver ganha também um sentido biológico, como desenvolvimento de um feto, de uma planta; e um figurativo, como perder o acanhamento.

Assim, o projeto de navegação no rio Mucuri, a fundação da cidade de Filadélfia e a busca pela atração de colonos conforma a tentativa de colocar em prática os ideais republicanos e liberais – destacadamente em uma matriz estadunidense – por Teófilo Otoni<sup>36</sup>. A

30 ARAUJO, Valdei Lopes. *Teófilo Benedito Ottoni: a força histórica de uma experiência moderna*, p.15-35 In ARAÚJO, V. (Org.). *Teófilo Benedito Ottoni e a companhia do Mucuri: a modernidade possível*. 1ed. Belo Horizonte: MG Secretaria de Cultura, 2007; LYNCH, Christian Edward. *A Circular de Teófilo Otoni: A Democracia Luzia da Gravata Lavada*. *Revista Estudos Políticos*, v.5, n.10, p.709-715, 2014.

31 DUARTE, Regina Horta. *Conquista e civilização nas Minas Oitocentistas*, p.13-37. In Regina Horta Duarte. (Org.). *Notícia sobre os selvagens do Mucuri*. 1ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002; LIMA, Nísia Trindade. *Um Sertão chamado Brasil*. 1999.

32 PINTO Luiz Maria da Silva. *Diccionario da Lingua Brasileira*. Na Typographia de Silva, p.30, 1832.

33 Ibid, p.709.

34 Ibid, p.865.

35 Ibid, p.351

36 CARVALHO, op.cit.

aposta em incremento das áreas de comércio, na agricultura, nos meios de transporte foram os eixos de atuação da empresa. A consolidação da urbanização e da integração espacial seriam responsáveis pelo progresso e pela civilização naquele espaço regional<sup>37</sup>.

Em texto clássico, *A Colonização do Mucuri*<sup>38</sup>, datado de 1859, aparece com frequência a importância do empreendimento para levar “progresso”, “melhoramentos” e “civilização” para as porções ao leste do território mineiro até a saída para o mar na Bahia, sendo central a atuação dos colonos (sobretudo aqueles dotados de conhecimento e capital), especialmente aqueles selecionados pelo próprio Teófilo Otoni em detrimento daqueles enviados pelo Governo Imperial. Ressalta-se, também, o apoio do Governo Provincial com participação acionária, empréstimos e benefícios para a consolidação da própria Companhia. Processo este que serviria para consolidar a própria presença do Estado, da sua institucionalidade e leis no espaço nacional, provincial e regional<sup>39</sup>.

A experiência da tentativa de implementação da Companhia do Mucuri atrelada a carreira política liberal – sempre com circulares aos eleitores, divulgação dos seus programas políticos, campanha nas ruas, a despeito do contexto histórico restrito ao voto – fez com que discurso de Teófilo Otoni também perdurasse e influenciasse as gerações futuras, particularmente em Minas Gerais, no tocante aos ideais de República, da Liberdade, da importância de empreendimentos que incorporem espaços “atrasados”. O aspecto de apoio estatal aparentemente não se revela tanto, mas, conforme apontando, ele foi central para que o empreendimento se efetivasse e perdurasse dado as condições e problemáticas envolvidas para sua consecução<sup>40</sup>.

## **6. Desenvolvimento, Melhoramento e Progresso em João Pinheiro e Juscelino Kubistchek**

### **6.1. João Pinheiro:**

João Pinheiro (1860-1908), natural do Serro – assim como Teófilo Otoni –, fez parte da geração de 1870<sup>41</sup>, crítica ao Império, sendo um dos republicanos e positivistas de primeira hora. Teve papel importante na difusão e organização de ideias republicanas em Minas Gerais e na fundação do Partido Republicano Mineiro (PRM). Foi presidente do Estado

37 ARAÚJO, op.cit.

38 OTONI, Teófilo. *Notícia sobre os selvagens do Mucuri*. 1ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, p.115-125, 2002[1859].

39 ARAÚJO, op.cit; LYNCH, op.cit; DUARTE, op.cit.

40 ARAÚJO, op.cit; LYNCH, op.cit; SILVA, Weder Ferreira da. *Colonização, política e negócios: Teófilo Benedito Otoni e a trajetória da Companhia do Mucuri (1847-1863)*. Dissertação em História, UFOP, p.146-177, 2009.

41 ALONSO, Ângela Maria. *Ideias em movimento: a geração 70 na crise do Brasil-Império*. Tese de Doutorado. USP, 2000.

de Minas Gerais em duas ocasiões, sendo a segunda via eleição, em 1906, mandato que não chegou completar devido ao seu falecimento precoce, em 1908<sup>42</sup>.

Ademais, teve papel relevante na organização do Congresso Agrícola, Industrial e Comercial de 1903, realizado em Belo Horizonte, onde pôde tentar organizar e expor suas perspectivas para a industrialização, modernização agrícola, instrução primária e técnica, além da importância da ação estatal para promoção das diversas atividades econômicas e na dotação de infraestrutura. Tais perspectivas inclusive serviram de base para seu programa de governo e que repercutiram entre as elites políticas mineiras durante vários anos, tanto mais imediatamente<sup>43</sup> quanto em média duração<sup>44</sup>, conformando o que futuramente seria nomeado como “desenvolvimentismo mineiro”<sup>45</sup>.

O período de transição entre o século XIX e XX com o fim da escravidão, a Proclamação da República, o alargamento das entradas de imigrantes, a continua expansão do café como produto principal de exportação brasileiro e as consequências para urbanização e, futuramente, da industrialização nacional foi o *contexto* de assimilação e geração de uma série de ideias que marcariam todo século XX, dentre elas o desenvolvimentismo<sup>46</sup>.

Se o ponto de partida da ideia de desenvolvimentismo envolveria, antes de tudo, intencionalidade e capitalismo<sup>47</sup> e, somente depois, os três pilares: industrialização, intervencionismo e um projeto nacional<sup>48</sup>; as experiências/discursos anteriormente descritos serviriam, principalmente, como discursos aglutinadores das elites mineiras que, num contexto econômico-social novo, conformaria em insumos úteis para desenhar estratégias de superação do atraso relativo num ambiente de crescente homogeneização, integração e polarização do espaço nacional em contraste com a crescente hegemonia paulista ou de um nacionalismo único<sup>49</sup>. Em outras palavras, existe um claro recorte entre os projetos político-

42 BARBOSA, Francisco de Assis. *Ideias Políticas de João Pinheiro. Cronologia, introdução, notas bibliográficas e textos selecionados*. Brasília: Senado Federal/Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1980; PAULA, João Antônio de. Raízes do desenvolvimentismo: pensamento e ação de João Pinheiro. *Pesquisa & Debate*, v.15, n.2 (26), 2004.

43 SOUZA, Fabiula Sevilha de. *Astros, órbitas e poderes: modernidade, desenvolvimentismo e modernização na Primeira República*. Tese de doutoramento em História, UFMG, p.74-115, 2017.

44 BARBOSA, Daniel Henrique Diniz. *Tecnoburocracia e pensamento desenvolvimentista em Minas Gerais (1903-1969)*. Tese de Doutorado, USP, p.80-95, 2012. É possível pensar ainda em possíveis rebatimentos de mais longa duração que estão debatidos em: LACERDA, Gabriel do Carmo. *Desenvolvimento e Planejamento Estadual em Minas Gerais*. Dissertação em Planejamento Urbano e Regional, IPPUR/UFRJ, p.74-87 e p.144-152, 2019.

45 BARBOSA, op.cit., 1980; PAULA, op.cit.; GOMES, op.cit.; PEREIRA, Camila Amaral. *João Pinheiro da Silva: organização nacional e dinâmica econômica (1890-1908)*. Dissertação de Mestrado Economia/UNICAMP, 2016.

46 FONSECA, Pedro Cezar Dutra. *Desenvolvimentismo: a construção do conceito*. TD2103 IPEA, 2015.

47 Para uma discussão acerca do caráter **não tipicamente capitalista** durante o Império Brasileiro ver: SAES, Décio. *A formação do Estado burguês no Brasil(1888-1891)*. Paz e Terra, 1989. Já um contraponto a esta perspectiva em: MAZZEO, Antônio Carlos. *Estado e burguesia no Brasil: origens da autocracia burguesa*. Boitempo Editorial, 2015.

48 FONSECA, op.cit.

49 BRANDÃO, Carlos. *Território & desenvolvimento: as múltiplas escalas entre o local e o global*. Editora UNICAMP, 2007.

econômicos discutidos por Viera Couto/Álvares Maciel e Teófilo Otoni e sua instrumentalização e leitura como um *continuum* do avanço do pensamento em Minas Gerais sobre si mesmo, ou seja, sobre sua própria realidade pelas elites dirigentes estaduais<sup>50</sup>.

O recorte é notável quando, dentro do universo semântico dos conceitos, um novo significado aparece, no exemplo aqui estudado é o aparecimento, por exemplo, da palavra *desenvolvimento* no dicionário e o conseqüente alargamento do sentido de *desenvolver*. Ao se analisar o *Diccionario da Lingua Portuguesa*, lançado no ano de 1890, aparecem aquelas palavras praticamente com a acepção mais corrente:

1) **Adiantamento:** estado do que se acha ou vai adiantado em caminho; fig. Progresso em letras, virtudes, honras, prosperidade<sup>51</sup>;

2) **Desenvolver-se:** crescer, progredir, aumentar<sup>52</sup>;

3) **Desenvolvimento:** ação ou efeito de desenvolver ou de se desenvolver; desdobramento, desenrolamento, descobrimento do que estava envolto; ação de ampliar ou explicar alguma coisa; aperfeiçoamento, aumento “desenvolvimento da civilização”, cultural, intelectual, progresso nas letras, artes, indústrias, comércio<sup>53</sup>;

Igualmente relevante é que a palavra melhoramento – no *Novo Diccionario da Lingua Portuguesa*, de Cândido Figueiredo, lançado em 1913 – passa gradativamente a ganhar peso na seu significado apenas a melhoria física, seja um restauro, uma benfeitoria, uma reforma e, assim, perdendo significado mais amplo que está crescentemente se associando ao progresso e desenvolvimento:

1) **Adeantamento:** Acto de adeantar, ou de se adeantar. Progresso<sup>54</sup>;

2) **Progresso:** Marcha ou movimento para diante. Progredimento, desenvolvimento. Melhoramento ou aumento. Qualquer adeantamento, em sentido favorável<sup>55</sup>;

3) **Melhoramento:** Melhora; bem-feitoria. Adiantamento<sup>56</sup>;

4) **Desenvolvimento:** Acto ou efeito de desenvolver. Crescimento. Ampliação. Minuciosidade<sup>57</sup>

Outro aspecto que deve ser destacado é a aproximação dessas definições, particularmente de desenvolver/desenvolvimento, com *crescer/crescimento* desde finais do século XIX e, sobretudo, a partir de 1913. Conforme as definições de crescer e crescimento nos dicionários de 1832, 1890 e 1913:

50 DULCI, op.cit.; CARVALHO, op.cit.

51 SILVA, António de Moraes. *Diccionario da lingua portugueza*. Editora-Empeza litteraria fluminense de AA Silva Lobo, p.89, 1890.

52 Ibid, p.648.

53 Ibid, p.648.

54 FIGUEIREDO, Cândido de. *Novo diccionario da lingua portugueza*. AM Teixeira, p.38, 1913.

55 Ibid, p.1643.

56 Ibid, p.1283.

57 Ibid, p.620.



1) Em 1832, **crescer**: fazer-se maior em altura e volume. Dilatar-se; **crescimento**: aumento da cousa, que cresce<sup>58</sup>;

2) Em 1890, **crescer**: Aumentar-se em altura e corpo, em extensão e volume; **crescimento**: aumento natural da coisa, que cresce<sup>59</sup>;

3) Em 1913, **crescer**: aumentar, desenvolver-se, melhorar; **crescimento**: ato ou efeito de crescer, desenvolver<sup>60</sup>.

A problemática e as diferenciações quantitativas e qualitativas entre crescimento e desenvolvimento são relevantes ao longo do século XX e possuem diversas consequências para além de teóricas<sup>61</sup>, como políticas, sociais e culturais<sup>62</sup>.

Apresentadas essas definições é interessante discutir a entrevista dada por João Pinheiro, em 1906, ao jornal *O Paiz*<sup>63</sup>. Nela, João Pinheiro sintetiza seu pensamento acerca da “organização econômica”, sendo que para ele havia a centralidade do estímulo as diversas atividades agrícolas e, em menor grau, as industriais, isso devido a realidade do desenvolvimento estadual na sua época, sobretudo por causa da distribuição da força de trabalho nas atividades primárias. Não obstante, a articulação entre ambos setores era central para garantir maiores possibilidades de progresso. Nas duas era necessário o papel do Estado como animador, fomentador e protetor para emergência e consolidação da iniciativa privada nacional<sup>64</sup>.

Nesse sentido, a questão da articulação entre ação estatal, iniciativa privada nacional conformam um todo, um “organismo social” que, gradativamente, vai se desenvolvendo, se complexificando pelas suas interações e “adaptações sociais”, sendo inclusive utilizado pelo autor a preocupação do “desenvolvimento econômico” do Estado mediante aos “novos melhoramentos” introduzidos nas manufaturas particulares<sup>65</sup>. A compreensão deste processo, antes de ser uma constatação teórica, é baseada e argumentada a partir da mobilização de exemplos históricos<sup>66</sup>, trazidos pelo João Pinheiro nas suas respostas ao jornal<sup>67</sup>.

Assim, a questão nacional – agora ligada a produção e aos agentes privados nacionais – é uma dimensão nova na problemática até aqui abordada, pois estes elementos (pro-

58 PINTO, op.cit., p.302.

59 SILVA, op.cit., p.565.

60 FIGUEIREDO, op.cit., p.545.

61 BASTOS, C.P.; BRITTO, G. *Introdução à Economia do Subdesenvolvimento*, p.7-41. In Agarwala; Singh. (Org.). *A Economia do Subdesenvolvimento*. Contraponto, 2010.

62 FURTADO, Celso. *Desenvolvimento e subdesenvolvimento*. Editora Fundo de Cultura, 1961; PAULA, João Antônio de. *Desenvolvimento: tentativa de conceptualização*. *Gestão e Sociedade*, v.10, n.27, p.1539-1539, 2016.

63 Disponível também em: BARBOSA, op.cit.; e FILHO, Israel Pinheiro. *Prefácio*, in (org) GOMES, Angela Maria de Castro. *Minas e os fundamentos do Brasil moderno*. Editora UFMG, 2005

64 PINHEIRO, João apud FILHO, op.cit., p.12-13.

65 PINHEIRO, João apud FILHO, op.cit., p.14-16.

66 Destaca-se os exemplos do México (política minerária) e dos Estado Unidos (política de infraestrutura/transporte), FILHO, op.cit.

67 FILHO, op.cit.



dução, nação e agentes privados nacionais) e seus nexos aparecem mais claramente como necessários para engendrar o desenvolvimento/progresso. Palavras estas, recorrentemente utilizadas por João Pinheiro e, conforme apresentado, já dotadas de suas acepções correntes.

A questão da instrução básica, do ensino técnico agrícola, da construção de fazendas-modelo e colônias-modelo também figuram entre as temáticas mais relevantes, sobretudo pelo impacto nas migrações, na oferta de alimentos para as cidades e, por fim, na possibilidade do aumento da renda monetária dos produtores de alimentos e os possíveis impactos sobre o consumo. Assim, a questão da colocação (oferta) dos produtos, quanto da sua demanda são também relevantes para João Pinheiro<sup>68</sup>.

Ao final da entrevista, João Pinheiro aborda a questão da mineração e dos transportes. No tocante ao primeiro caso, compara o caso mineiro com o mexicano e defende a desapropriação por utilidade pública para garantir a exploração mineral por empresas capazes de fazê-lo. Acrescenta, ainda, que a exploração com eficiência e com as técnicas mais avançadas das riquezas minerais são garantias para o Estado e para nação. Além disso, argumenta a necessidade de controle acerca da comercialização dos diferentes minerais para evitar o controle especulativo de grandes tradings e das bolsas de negociação estrangeira que controlariam os preços internacionais destas riquezas, destacando como o minério de ferro possui uma grande potencialidade de ser exportado<sup>69</sup>.

Finalmente, a questão dos transportes é salientada pelo seu aspecto virtuoso com a capacidade para criação de mercados, de zonas de colonização, de industrialização e de canalização das exportações. A importância de um traçado racional que interligue os diferentes espaços regionais (mesmo que não possuam rentabilidade num primeiro momento, por isso a importância de ação estatal) via ferrovia é central no argumento de João Pinheiro. Fato que, conseqüentemente, o leva a criticar a ineficiência e as rotas construídas até então, responsáveis, sobretudo, pelos elevados fretes e a inviabilidade de ocupação e exploração de diversas porções do território nacional e produtos, notadamente o minério de ferro<sup>70</sup>.

## **6.2. Juscelino Kubistchek:**

Juscelino Kubistchek (1902-1976), natural de Diamantina, teve uma carreira política meteórica. Convém salientar que foi Prefeito de Belo Horizonte (1940-1945) – realizando obras de embelezamento e expansão urbana, notadamente a Pampulha – e Governador de Minas Gerais (1951-1955) – empreendendo o programa Binômio Energia e Transporte. Ambas as experiências foram como ensaios gerais para, quando Presidente da República

68 PINHEIRO, João apud FILHO, op.cit., p.18-26.

69 PINHEIRO, João apud FILHO, op.cit, p.28-32.

70 PINHEIRO, João apud FILHO, op.cit, p.32-34.

(1956-1961), o Plano de Metas e sua meta síntese, a construção de Brasília, seja do ponto de vista administrativo, político, cultural e urbanístico-estético-arquitetônico<sup>71</sup>.

Aqui foram escolhidas apenas as *Mensagens à Assembleia Legislativa* enviadas por Juscelino Kubistchek, particularmente a de 1951 e 1954. Na primeira *Mensagem*, ele destaca o lançamento do seu programa Binômio e Energia, que serviria de base para recuperar a economia mineira, criando as condições gerais de atração do capital privado e voltado especialmente para a industrialização e urbanização estadual. O papel do Estado e sua presença em setores básicos é salientada, emulando o discurso nacional – cujo Presidente era Getúlio Vargas. Termos como progresso e desenvolvimento são amplamente utilizados, particularmente “desenvolvimento econômico”. Já melhoramento aparece apenas na sua conotação material no sentido de bem-feitoria, restauração. Já civilização e crescimento também são de uso corrente neste texto<sup>72</sup>. Para além destes aspectos amplamente conhecidos, o que é relevante para esse texto é que nele se apresenta uma definição do que seria desenvolvimento:

Somos dos que jamais descreram da capacidade de recuperação de Minas Gerais (...) para superar com êxito a conjuntura atual há que permanecermos unidos num pensamento superior de concórdia e trabalho. Só assim poderão ser estabelecidas as condições propícias ao desenvolvimento da vida do Estado, quer do ponto de vista de seu progresso econômico, quer do ponto de vista do aprimoramento das instituições, cuja a prática legítima deve assinalar pela sinceridade de propósitos, pelas extensões das mesmas garantias a todos os cidadãos, pela incolumidade do princípio da igualdade de todos perante a lei e perante o poder público<sup>73</sup>

Ou seja, desenvolvimento é compreendido tanto como progresso econômico, quanto aprimoramento das instituições (especialmente na garantia de direitos e na igualdade perante a lei). Aspectos como saúde e educação são secundários e são tratados posteriormente como elementos importantes, mas que estão subsumidos às ações voltadas para o progresso econômico (isto é, ação estatal com dotação de infraestrutura básica e industrialização) e aprimoramento das instituições<sup>74</sup>.

Ao se analisar as definições presentes no *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*<sup>75</sup>, de 1949, as palavras progresso, desenvolvimento e crescimento estão com sua plena acepção corrente e são intercambiáveis entre si, em detrimento das palavras adiantamento e melhoramento, cujos primeiros significados se afastam das palavras anteriores. Ademais, é relevante apontar todo um conjunto de palavras correlatas a desenvolvimento, tais como

71 OLIVEIRA, Juscelino Kubitschek. *Meu caminho para Brasília*. Bloch Editores, 1978.

72 OLIVEIRA, Juscelino Kubitschek. *Mensagem à Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1951.

73 *Ibid*, p.9-10.

74 *Ibid*, p.18-20.

75 SILVA, António Moraes, et al. *Grande dicionário da língua portuguesa*. Confluência, 1949.

‘desenvolvido’, ‘desenvolvível’. Daí o maior uso e presença destas palavras nos discursos e texto de Juscelino Kubistchek:

1) **Adiantamento**: ato ou efeito de adiantar ou adiantar-se. Estado daquilo que já começou e que se aproxima do fim ou do acabamento. Prosperidades; Aperfeiçoamento<sup>76</sup>;

2) **Crescimento**: ato ou efeito de crescer, aumento; desenvolvimento<sup>77</sup>;

3) **Desenvolver**: Fazer crescer, avolumar, engrossar. Aumentar, incrementar, tornar próspero. Enquanto definição como *verbo intransitivo*: apresentar, provocar aumento, melhoramento, bom funcionamento. Tem-se **Desenvolvimento** como: ato ou efeito de desenvolver, aumento, crescimento, progresso, incremento. Ademais, outras palavras correlatas presentes no dicionário são **Desenvolvido**: desenrolado, desdobrado, amplificado; e **Desenvolvível**: que se pode desenvolver, suscetível de desenvolvimento<sup>78</sup>;

4) **Melhoramento**: benfeitoria, melhoria, mudança para melhor<sup>79</sup>;

5) **Progresso**: marcha em movimento para diante. Desenvolvimento de um ser, de uma atividade. Adiantamento, aperfeiçoamento, melhoramento. Adiantar, ir em aumento, desenvolver-se<sup>80</sup>.

Já a partir da *Mensagem* de 1953<sup>81</sup>, mas particularmente a enviada em 1954, os documentos nas suas apresentações passam a ser permeados pela preocupação com a *democracia* e o funcionamento das *instituições democráticas* como condições para a ação estatal e, conseqüentemente, o desenvolvimento/progresso:

A nenhuma honra maior eu poderia aspirar do que ver no último período do meu mandato coroar-se de um atestado expressivo do brilho e força das instituições democráticas, através de prélios eleitorais em que o regime se dignifique e consolide plenamente em seus fundamentos e sua estrutura. Todo o longo esforço que temos empreendido para acelerar o progresso material e cultural de Minas encontrará aí, sem dúvida, uma de suas recompensas<sup>82</sup>.

Nesse sentido, vale destacar que a problemática da democracia, da participação nos pleitos, dos trabalhadores (especialmente urbanos) passam a ser frequentes e reiteradas nos discursos políticos, nas mensagens às Assembleias e nos Congressos<sup>83</sup>. Igualmente importante, é que a aceção de capitalista (produtor) nacional ou iniciativa privada nacional

76 Ibid, p.355, Vol.1.

77 Ibid, p.678, Vol.3.

78 Ibid, p.1024-1025, Vol.3.

79 Ibid, p.656, Vol.6.

80 Ibid, p.747-748, Vol.8.

81 OLIVEIRA, Juscelino Kubitschek. *Mensagem à Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1953.

82 OLIVEIRA, Juscelino Kubitschek. *Mensagem à Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, p.9, 1954.

83 KUBITSCHKEK, Juscelino. *Realidades, perspectivas: discursos*. Secretaria da Educação do Estado de Minas Gerais, 1955.

desaparece do discurso, o elemento de *nacionalidade* no sistema produtivo é predominantemente exercido pelo Estado e suas empresas (seja estadual, municipal, federal). Da mesma forma, a consolidação da ação do Estado como guia da economia, via criação de empresas estatais nos setores de bases, também é amplamente ressaltada e valorizada<sup>84</sup>.

O primeiro aspecto – relativo à democracia – é consequência, principalmente, do crescente processo de urbanização e industrialização brasileira que faz com que haja a ascensão das classes trabalhadoras urbanas como atores fundamentais do jogo político. Já o segundo elemento – omissão do uso de “capitalista/produtor nacional” –, revela claramente a crescente internacionalização do mercado interno brasileiro e as consequências e limites do capital privado nacional no processo de desenvolvimento. Por fim, o terceiro – a consolidação da ação estatal no sistema produtivo – é resultado das próprias mudanças mais amplas, internas e externas, que forçam a crescente ação estatal para superar as condições inicialmente entendidas como “atrasadas” e, posteriormente, com mais precisão – a partir novo conceito gestado e difundido nos anos 1950/1960 – como subdesenvolvidas/o subdesenvolvimento.

## 7. Conclusão

O presente texto tentou esboçar as mutações de significado dos termos melhora-mento, progresso e desenvolvimento, partindo das discussões de personalidades políticas – mais do que autores teóricos – acerca das suas visões de mundo e formas de atuar sobre o mesmo. Foram analisados textos com divulgação e políticos de cada um deles buscando entender a forma como se encaixa e se relaciona as suas problemáticas com os significados dos referentes termos em dicionários de época. Desta maneira, tentou-se mesclar a definição dos contextos dos autores e especificar alguns conceitos-chave utilizados pelos mesmos conforme arcabouço teórico apresentado no início deste trabalho.

O interessante é exatamente uma quebra de elementos e significados a partir da acepção mais corrente de desenvolvimento em finais do século XIX e início do século XX. Acepção essa que será encarnada de forma política, econômica e cultural sob guarda-chuva da ideia de *desenvolvimentismo* ao longo do século XX. Assim, os discursos dos três primeiros autores servem mais como um guia, elemento aglutinador para conformar a historicidade de um discurso, de uma busca de coesão para ação, particularmente das elites mineiras. Ou seja, por um lado transplantar pura e simplesmente as perspectivas e visões de autores como José Vieira Couto, José Álvares Maciel e Teófilo Otoni para o presente ou ver neles germens de uma visão de desenvolvimento é dissonante e anacrônico. Por outro, muitas das problemáticas e impasses trazidos por João Pinheiro e Juscelino Kubistchek, mediante mediações certas, são questões próprias do desenvolvimento do capitalismo brasileiro até o presente.

84 KUBITSCHKEK, Juscelino. *Quatro anos no governo de Minas Gerais, 1951-1955: síntese das realizações do governador Juscelino Kubitschek de Oliveira*. Livraria J. Olympio, 1959.